



QUINTO DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA (08/02/2004)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Juizes 6:11-24a

O livro de Juizes é o segundo da coleção chamada Obra Historiográfica Deuteronomista que inclui, além deste livro, Js, 1 e 2 Sm e 1 e 2 Rs. Esta coleção foi redigida no Exílio (e pode ter recebido alguns retoques no pós-exílio) entre 587 e 538 a.C. com a intenção de explicar porque o povo escolhido de Deus tinha sido humilhado por "pagãos" estrangeiros e o Templo de Javé tinha sido destruído. O livro de Juizes é a outra cara da moeda do livro de Josué. Em Josué o povo permanece fiel a Javé (Js 24) e essa fidelidade faz com que todos seus inimigos sejam derrotados e toda a terra seja dada por Deus como posse ao seu povo. Jz é apresentado como prova do efeito contrário quando o povo vacila na sua fé e por isso perde batalhas e custa a conquistar a terra (Jz 1).

Comparar Josué com Juizes é como comparar ideal a realidade. Pode se viver no mundo das utopias totalmente desligadas da realidade achando que Deus vai resolver tudo para nós e que basta apenas ter fé. Pode, em outro extremo, se viver presos à realidade renunciando a qualquer sonho num "ateísmo prático" onde confiamos apenas nas nossas próprias forças. Por isso é saudável termos Josué e Juizes na Bíblia. A utopia dá forças sobre-humanas ou divinas para superar obstáculos que racionalmente seriam intransponíveis. A realidade é o lugar onde a fé é testada na sua veracidade, onde reside o desafio de resistir, de transformar e de compreender.

No texto deste domingo, Gideão se encontra com Deus ao pé de uma árvore sagrada (como a árvore de Natal) e faz o mesmo que antes é descrito em relação a Abraão no Carvalho de Mambré (Gn 18: 1-15). Gideão se encontra com Javé debaixo da árvore e recebe a resposta para seu clamor de libertação dos madianitas (cf. 6:12-16) apresentando então as oferendas de alimentos a Javé (cf. 6: 17-20). Onde Gideão aprendeu que devia oferecer oferendas de alimentos? Seguramente de egípcios e cananeus que muitos séculos antes já se encontravam com divindades, especialmente femininas, e ofereciam alimentos sob as árvores sagradas. Em 6: 21 é dito que se tratava do "Anjo de Javé" diferentemente que nos versículos anteriores onde quem fala é próprio Javé. Quer dizer que Javé só poderia entrar em contato com o ser humano através de "mensageiros" ou *anjos* assim como os reis enviavam mensageiros para se comunicar com outras pessoas. Mesmo assim a presença divina deste mensageiro que Gideão teme morrer por vê-lo (como diz em



hebraico "olho no olho"). Esse lugar é então batizado por Gideão de "Javé-Paz" e "Pai do socorro".

Pedro, Tiago e João sentem o mesmo medo de Jesus que Gideão do anjo de Javé (Lc 5:8-10) ao qual Jesus responde "Não tenhas medo" (E diz isso como uma ordem, imperativamente!). A oferta são as próprias vidas dedicadas a ser "anjos", isto é, mensageiros de Jesus para a libertação da humanidade. (Humberto Maiztegui Gonçalves)

2ª leitura (Epístola) 1 Coríntios 15.1-11

Todas as igrejas possuem problemas. Mas parece que a igreja de Corinto possuía problemas em excesso. Havia problemas de arrogância envolvendo os dons, haviam grupos ou partidos dentro da igreja, irmãos estavam processando irmãos na justiça comum, um jovem dormia com sua madrasta, haviam problemas litúrgicos, problemas morais, a também problemas doutrinários. Quanto aos problemas doutrinários o maior deles envolvia a ressurreição.

Para tentar solucionar o problema Paulo inicia o capítulo 15 apresentando aquilo que poderia ser um credo da igreja primitiva. Um resumo da fé da igreja nos primeiros anos depois de Cristo. E este credo, que resumia a crença da comunidade, estava agora sendo lembrado por Paulo para que ela jamais esqueça daquilo que foi a razão de sua existência. Há quatro afirmações neste credo primitivo.

Em primeiro lugar, que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. (15:3). A morte de Jesus não foi igual a tantas outras mortes da história. O que ocorreu naquela cruz não ocorreu em mais nenhuma cruz. A morte de Cristo foi singular. E somente sua vida e obra distingue sua cruz das muitas cruzes da história universal. Mas o que a fez singular? A morte de Cristo foi singular porque nela ele recebeu a maldição da lei. Depois de questionada por Jesus, a lei reivindicava sua morte e o mata. Ao morrer a lei o condena como pseudoprofeta e herege. A pregação e a vida de Jesus é rejeitada e condenada pela lei. A lei aparentemente venceu. Em segundo lugar sua morte foi diferente porque com ela ele se identifica com os pecadores. Ele é aquele que literalmente representa todos os transgressores da lei. Ele é o representante daqueles que, como disse Hans Kung, "mereciam receber o mesmo destino". Finalmente sua cruz é diferente de todas as outras porque nela ele foi abandonado por Deus. Ele, que já havia sido abandonado pelos homens, mas que gozava de uma *singular comunhão com Deus*, se viu diante do *singular abandono por Deus* (H. Kung). Tudo pareceu ruir. Tudo caiu pr terra. Sua causa, seu exemplo, suas idéias, tudo destruído. Sem a pessoa de



Jesus nada existe. Não existe uma causa independente dele. Sem ele tudo está desfeito.

Em segundo lugar, que Cristo foi sepultado (15:4). Ao registrar que ele foi sepultado, a igreja primitiva queria dizer que ele realmente morreu e que tudo o que ocorre com as pessoas mortas ocorreu também com ele. Ele foi sepultado significa também que não havia dúvida sobre onde estava o corpo de Jesus. Sua sepultura tinha dono, e este sabia onde ela estava. Ser sepultado significa também encerrar um ciclo para esta vida. Significa colocar uma pedra selando uma realidade, fechando um ciclo, acabando uma história. A sepultura era o sinal visível dos sentimentos de frustração e de derrota que caiu sobre os apóstolos.

Em terceiro lugar, que Cristo foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras (15:4). Alguma coisa, contudo, aconteceu. Mesmo depois da morte e do sepultamento de Jesus a sua Igreja cresceu, deslanchou e se espalhou por todo o mundo habitado. Como isto aconteceu? Ao examinarmos todos os relatos descobrimos que algo ocorreu no primeiro dia da semana. Este é o milagre da páscoa. Isto significa, como disse Bart, que "Deus não se humilhou inutilmente em seu Filho, mas certamente agiu...para confirmação de sua glória". De conformidade com a Igreja primitiva (particularmente Irineu) Bart nos diz que em Jesus, em sua ressurreição, o homem é exaltado e destinado para a vida. Segundo Irineu, "Deus se fez homem para que o homem se torne Deus". O homem, com a ressurreição, tem a sua situação mudada diante de Deus. Ele agora é recebido, é acolhido como filho, e não como escravo. Ele agora é membro da família. Sem a ressurreição continuamos os mesmos.

Em quarto lugar, que Cristo apareceu a Cefas e depois aos doze (15:5). Depois de afirmar a morte de Cristo, seu sepultamento e sua ressurreição, Paulo diz que ele foi visto por Cefas, aos 12, a mais de quinhentas pessoas e também a ele.(15:8). Este elemento do *credo* é muito interessante. Ele é corretamente compreendido quando procuramos evitar separar o Cristo apresentado pela pregação da Igreja (*kerigma*) do Jesus Histórico. Separar o Cristo do *querigma* do Jesus da história é, nas palavras de Latourelle, correr o risco de transformar o Cristo em mito, é reduzi-lo a ideologia sem forma nem corpo. Käsemann, discípulo de Bultmann, mostra como a Igreja primitiva sempre combateu os dois excessos. "ela sabe que não se pode compreender o Jesus terrestre a não ser a partir da Páscoa... e que inversamente não se pode alcançar adequadamente a significação da Páscoa, fazendo-se abstração do Jesus terrestre". Em Paulo, o *querigma* é inseparável do Jesus Histórico. Por isso a insistência em apresentar as testemunhas da ressurreição.

Mas devemos lembrar de algo muito importante que nos foi ensinado por Emil Brunner, nestes dias que antecedem a Transfiguração: Jesus não é o "Cristo para o espectador, nem para o pensador, o cientista, o historiador, mas



unicamente para o crente". Só encontraremos o Cristo em Jesus quando nos vemos chamados, responsabilizados e, colocados diante de uma decisão, respondemos com um sim a Deus. (Jorge Aquino).

Santo Evangelho - Lucas 5.1-11

No texto do domingo anterior, Jesus anuncia sua missão. Agora ele começa a chamar os seus colaboradores, os apóstolos. As tradições referentes à chamada dos apóstolos diferem um pouco. A pesca milagrosa descrita no evangelho de hoje é narrada por João, mas como um episódio que teria acontecido após a ressurreição. Lucas, porém, situa esse evento no início do ministério de Jesus, como sinal de vocação e missão dos líderes da comunidade que acompanharam Jesus desde o princípio.

5.1 – Pela primeira vez lemos a expressão "a palavra de Deus". Essa palavra não é um livro, mas a pregação, o anúncio de Jesus, sua comunicação específica e compreensível, que animava, dava esperanças e unia o povo. A "palavra de Deus" é o lugar onde Deus se manifesta vivo e misericordioso

5.2- tudo começa com o olhar de Jesus. É ele quem toma a iniciativa de dirigir-se aos barcos dos pescadores.

5.3-5 – A primeira aparição de Simão (Pedro) em Lucas. Desafiado a lançar as redes, sua resposta é vacilante. Como pescador experiente, provavelmente, ele não tinha nada a aprender de outro homem, que sequer era pescador. Ele afirma claramente que ninguém pesca àquela hora. Porém, apesar de sua hesitação, Pedro decide obedecer. Ele chama Jesus de "mestre" (□□□□□□□□) que, conforme Bovon, seria melhor traduzido como "chefe", por tratar-se de termo utilizado para referir-se a alguém hierarquicamente superior, que tem autoridade

5.8-11 – As duas barcas talvez evoquem duas alas da Igreja primitiva (judeu-cristã e a gentílica-helenista). Simão identifica aquela pesca milagrosa como um sinal divino e se prostra diante de Jesus. É a atitude de alguém que reconhece o caráter divino de outrem. Pedro é tomado por uma sensação de "temor" ou "espanto". Não é simplesmente "medo ou pavor", como algumas Bíblias traduzem. Trata-se, muito mais da experiência humana diante do sagrado, do temor maravilhado e respeitoso perante uma epifania numinosa. Vale a pena comparar a experiência de Pedro diante de Jesus com a experiência de Isaías no templo perante o Deus Santo. Isaías também percebe imediatamente a distância que o separa de Deus. Isaías diz "ai de mim porque sou homem de lábios impuros...", enquanto Pedro diz "Senhor, afasta-te de mim, pois sou pecador". Ambos, porém, recebem um consolo (Isaías com as brasas do altar e Pedro com a própria palavra de Jesus: "não temas" – a



mesma palavra ouvida por Gideão quando de sua vocação, conforme o texto do AT para hoje). Quem tem uma experiência com o sagrado é imediatamente compelido à adesão e ao compromisso.

Tal como Gideão e Isaías, Simão Pedro agora recebe uma missão. No episódio de hoje aprendemos que ninguém é chamado para servir a Cristo por causa de sua fé ou de suas qualidades, mas pela vocação dada pelo próprio Cristo. Nesse chamado sempre há dúvidas e incertezas, mas a melhor atitude que podemos tomar é a mesma de Pedro: obedecer (Carlos Eduardo Calvani)